

Trajetos: Vem comigo caminhar pela república!

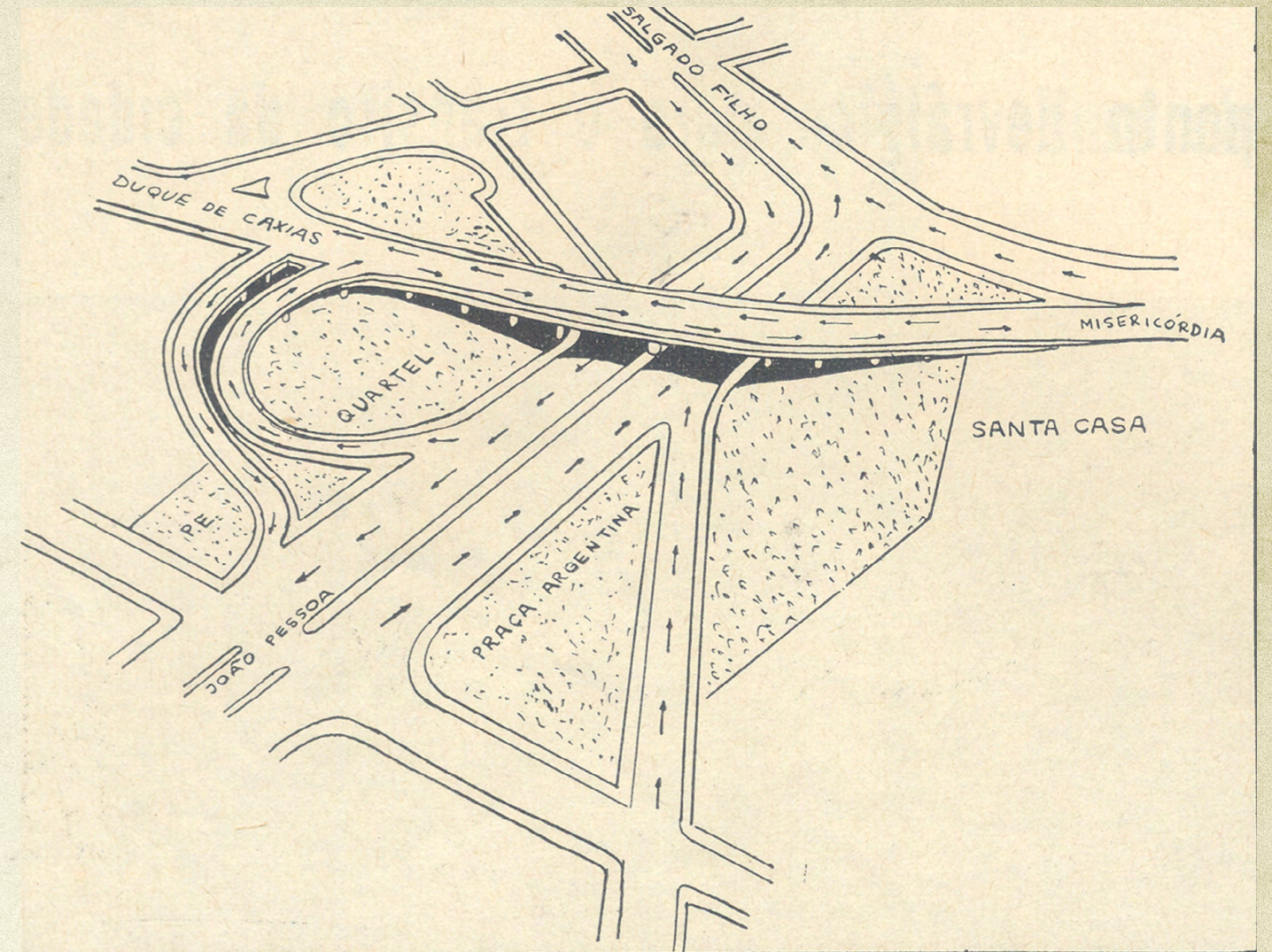
Pontos de interesse: Percurso pela rua da República, uma rua cheia de história, cultura e vida, com seus prédios históricos, pontos tradicionais e até mesmo podemos observar as mudanças que estão ocorrendo. A diversidade arquitetônica e cultural é fascinante.

Início: A Rua Praia de Belas.

Fim: A Rua João Pessoa.

Contexto: Situada no bairro Cidade Baixa, esta é uma rua para ir e vir. Uma rua para se conhecer com todos os sentidos. Olhar para cima e para baixo. Caminhar do início ao fim, e voltar. Ver os movimentos e públicos da manhã, tarde e noite. Ouvir os sons. Uma rua para viver, para experimentar por todo um dia.

Autora: Alexandre Magalhães e Silva, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





Minha sugestão é iniciar a caminhada na Rua Praia de Belas, bem na altura da Praça Cônego Marcelino. Comece a caminhada pela manhã, veja o lindo santuário de Santo Antônio do Pão dos Pobres e entre, vale a visita ao interior da nave católica. Seguindo em direção ao Parque Farroupilha, vamos cruzar pela Rua João Alfredo (monarquista e abolicionista), chamada antigamente de "rua da margem". Nesta primeira quadra da Rua da República (dos números 21 até o 87), há um lindo casarão de 1919 que abriga a coordenação de música do município e onde acontecem os ensaios da banda municipal de Porto Alegre. Seguindo na mesma calçada, há o Teatro Túlio Piva (nome em homenagem ao músico gaúcho), totalmente reformado; a nova arquitetura contrasta com o casarão dos músicos.

Passamos pela primeira escola da rua e seguimos para atravessar a Avenida José do Patrocínio (afrodescendente farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político). Ao esperar o sinal para atravessar, deve-se olhar para cima... dois impressionantes prédios altos, um art déco e outro dos anos 1970. Monumentos arquitetônicos atestando os avanços dos tempos. E estes avanços não param de alterar a paisagem do bairro Cidade Baixa, nesta primeira quadra muitos tapumes negros informam que logo cinco novas torres serão inauguradas.

Ao atravessar a Avenida José do Patrocínio, no térreo do prédio art déco, está a sorveteria JOIA, tradicional ponto do bairro que produz sorvetes desde 1978. Passando por alguns bares, vamos encontrar o café DOCES DE PELOTAS, a JÁ PESCA e o PINA-COTECA, um café com deliciosos doces produzidos na cidade de Pelotas, um bar com comida japonesa com nome de uma tradicional peixaria do Mercado Público e um bar noturno muito bem frequentado por intelectuais da esquerda e estudantes de artes visuais. Do outro lado da rua, num casarão, está o CAFÉ DA REPÚBLICA, mas ainda não vamos parar para tomar um café. Seguimos agora olhando para o chão, pois a partir deste trecho a rua não é asfaltada e vemos os irregulares paralelepípedos, suas tonalidades e formas diversas deixando a paisagem mais acolhedora. Nas

calçadas, em alguns trechos, ainda podemos identificar o calçamento de pedras portuguesas rosas e pretas formando desenhos.

Seguimos pela alameda, olhando para frente, vemos o túnel de jacarandás que nos levará ao Parque da Redenção. Mas, seguindo pela República e antes de mirar a Redenção, novos cenários pelo caminho.

Chegamos na esquina da Rua Lima e Silva, nos quatro cantos bares (Baurú, Padoca, Pinguim e Tabacaria). Um deles, o Padoca (hoje Speed), é um prédio baixo, açoriano, totalmente colorido por grafites e pichações. Nesta quadra vamos observar um conjunto de casas, algumas geminadas, antes de moradia e agora todos bares; neste horário da manhã, estão fechados. Os detalhes da arquitetura dos anos 1920, 1950 e 1960 deixam a paisagem harmoniosa e viva. Na esquina com a Rua Sofia Veloso (benfeitora da Santa Casa e abolicionista), vale entrar e ver o conjunto de casas preservadas em toda a rua. Mas seguimos pela última quadra da Rua da República e chegaremos ao Café da Esquina, que não fica na esquina. Te convido a sentar, pedir uma taça de café com um quindim ou um sanduíche farroupilha (pão francês com queijo e presunto). Enquanto aguarda, vá até a esquina e, na Banca da República, esta sim na esquina com a Avenida João Pessoa, há 37 anos o local é um tradicional ponto de venda de revistas, jornais, colecionáveis e outros itens, muitos dos quais praticamente não são comercializados em outros pontos de venda na Capital. Compre o jornal do dia e volte para sua mesa antes que o café esfrie.

Do outro lado da rua há a vitrine da Livraria Sapiens. Depois do café, vamos espiar os títulos através da vitrine e entrar, mesmo que não vá comprar nada; sempre rende uma boa conversa com o proprietário. Novamente na calçada, já próximo ao meio-dia, pare e preste atenção no som da rua agora alterado pela algazarra das crianças saindo das duas escolas e três creches existentes no bairro. Embora próximos ao centro da capital, o som é de subúrbio; o som das brincadeiras das crianças anuncia que nos aproximamos da hora do almoço.

Vamos voltar? Lembre-se de que esta é uma rua para ir e vir. Quero te levar para almoçar no Via Imperatore, um restaurante que, no nome, homenageia a rua em que está localizado. Antigamente, esta rua chamava-se Rua do Imperador. O lugar é agradável e, no andar de cima, é possível ficar olhando a rua por cima dos jacarandás que, conforme a época do ano, estarão totalmente coloridos com suas flores lilases. Do antepasto até a última garfada, ficamos ali até a rua silenciar novamente, sinal de que as crianças do turno da tarde já entraram para suas salas de aula. Não coma sobremesa nem tome café. Vou te levar ao Doce de Pelotas, vamos?

É neste zigue-zague percebemos os encantos da rua e seus personagens. Sentamos nas mesas da calçada diante do pequeno café. Chá, café, sucos ou licores e doce (ou doces). Aprecie demoradamente cada pedaço de doce de ovos, tradicionais da região de Pelotas.

A passagem do tempo é percebida pelos personagens que passam pelas calçadas. Sabemos que é terça-feira quando as senhorinhas passam com carrinhos de feira, sabemos que o relógio marca 16h quando os garçons dos bares noturnos começam a espalhar as mesas nas calçadas e os neons começam a acender nas vitrines.

Descendo o crepúsculo, o sol está caindo em direção do Guaíba e, por aqui, esconde-se atrás dos prédios altos. Os postes de iluminação acendem e o público do happy hour começa a se reunir em grupos saindo do trabalho, fazendo na Rua da República uma parada, evitando o trânsito e os ônibus lotados que os levarão para casa depois de uma cerveja gelada com os amigos.

Se tivermos sorte, vamos ouvir um sax tocando, som produzido por um solitário estudante de música, morador do bairro, que espera alguns dinheiros na caixa do instrumento deitada no chão, dados por jovens das mais diferentes tribos que começam a se reunir para a noite deste ir e vir da rua.

Os mais jovens se reúnem nas calçadas para beber, os trabalhadores em bares populares com cerveja barata e casais sentam-se para jantar em qualquer um dos vários restaurantes da rua.

Vem comigo e vamos beber uma cerveja no Tango Uruguai, no nome já uma provocação a qualquer argentino que passe. Aqui, uma cerveja gelada, um "milaneza" para fechar o dia ao som do Barbosa, músico e frequentador do bar, tocando um violão entre conversas sobre os últimos acontecimentos, sobre futebol, política e namoros. Com o avanço das horas, a bebida vai ficando mais forte e já devemos ir para casa.

A rua é a mesma, mas, no ir e vir de todas as tribos, saímos com a sensação de termos atravessado toda uma cidade que convive pacificamente, de forma republicana e democrática.

Este texto foi escrito no final do mês de abril, quando tirei estas fotos. A partir do dia 01 de maio, a paisagem mudou. Nas duas primeiras quadras da Rua da República só era possível transitar com botes infláveis ou barcos. As chuvas associadas à cheia do rio Guaíba deixaram a rua com um metro de água marrom. Os moradores saíram de suas casas para não ficarem ilhados em seus apartamentos; quem morava no térreo perdeu muitos móveis e o silêncio no bairro era assustador, com vento, somente o barulho da água batendo nas paredes dos prédios, bares e livrarias podíamos ouvir. Conforme a tarde caía, o bairro, agora sem luz, ficava abandonado, escuridão total.

Pessoas ficaram sem trabalho, crianças sem escola, alguns bares não puderam abrir e, depois de a água baixar, o lixo se acumulou nas calçadas. Quinze dias sem luz, sem água e com ruas inundadas, metade de um mês abandonados pelo poder público.

Os moradores se reúnem num movimento para auxiliar os comerciantes do bairro; após a faxina, é necessário repor o caixa. As aulas ainda não retornaram, não há algazarra de crianças para marcar o tempo, todos parecem sentir as mudanças do espaço, perdidos ainda se espantam com a altura das marcas que a água deixou nas paredes dos prédios. Sentado no Tango Uruguai, que reabre depois de ter 40 centímetros de água em todo o bar, ouvindo as histórias dos amigos, rabisco os versos abaixo que, quando secar o violão, talvez seja uma milonga:

O homem ria do rio, chamando-o de lago
Um dia veio o rio lhe visitar.
O rio veio avisar
uma, duas, três vezes
que cada um tem seu lugar.

Veio ensinar ao homem,
que o Guaíba é rio, é flexível.
Se curvar é uma sabedoria,
necessária, para quem quer se agigantar.

O homem imaginou
Uma cidade vertical,
Com isso o espaço da mata ocupou
E o clima colapsou,
o desastre foi colossal.

O rio, veio primeiro suave,
como uma mãe chama a atenção.
O rio, veio depois, forte e violento
como castigo e repreensão.

O homem poderoso, do alto,
Viu o rio rasteiro e caudaloso
colorindo a cidade de marrom.
Sobrou a lama,
reclamando por ser porcelana.

Sobrou o artista, sobrevivente.
E sobre viver, tem em mente,
Modelar, remodelar
Mas, agora, sem ter o badalo para o barro martelar.

Está o homem lá no alto
Sem ciência, sem coração.

Está o artista sem seus instrumentos,
para poder compor esta canção.









